



IRPAA
Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
Avenida das Nações, 04 - Castelo Branco
Caixa Postal 21 - Cep 48900-000 Juazeiro - Bahia
Tel: 0XX74 3611 36481 Fax: 0XX74 3611 5385
E-mail: ircsa@irpaa.org.br
Home-page: www.irpaa.org.br

Relações de Gênero, Água e Convivência com o Semi-Árido Brasileiro

1) Falar sobre gênero implica, necessariamente, discutir a situação da mulher. Diferentemente de outras regiões do mundo a chegada dos portugueses no Brasil a partir de 1500 mudou totalmente a situação da mulher, especialmente no Semi-Árido Brasileiro.

Nas caravelas portuguesas vinham apenas homens: padres, soldados, aventureiros e condenados. O português via o povo nativo como “bicho” e costumava dizer que “índio não tem alma”. Os homens índios que não se curvavam à escravidão eram assassinados e as mulheres capturadas para servir sexualmente aos colonizadores e nos serviços domésticos.

A mulher era comparada a um animal de carga ficando responsável especialmente pela tarefa de buscar a água dos barreiros, fosse na cabeça ou no lombo do jumento.

Frases tipo “minha vó ou bisavó foi pega a dente de cachorro” refletem a forma como as mulheres eram tratadas pela sociedade. Significava dizer que a mulher era caçada literalmente, domesticada e ficava amarrada dentro de casa.

Aquela imagem do casal que se enamora e marca a data do casamento com juras de amor eterno não aconteceu no Semi-Árido Brasileiro. Pela forma como eram estabelecidas as relações entre homens e mulheres na época da invasão portuguesa, poderíamos dizer que o povo sertanejo nasceu de um estupro. Isso há 300 anos. A partir disso, podemos imaginar o grau de submissão da mulher sertaneja ao seu pai, seu irmão, seu marido e a seus filhos homens, visto que nunca eram ouvidas e sempre tinham de obedecer às ordens masculinas.



Mulheres carregando água

2) Esta introdução histórica é necessária para perceber o quanto a cultura da discriminação e opressão é evidente nessa região hoje em dia, sobretudo, no que se refere ao papel assumido pelas mulheres, em relação ao homem, na sua condição de cidadã.

A discriminação das mulheres se reflete especialmente nas seguintes áreas:

- O trabalho feito pelas mulheres, principalmente pelas trabalhadoras rurais, não é devidamente valorizado e reconhecido. Boa parte das trabalhadoras não possui a documentação necessária referente a sua profissão, o que traz muita desvantagem para ela quando chega a idade da aposentadoria, quando lhe é negado este direito.
- Dentro das famílias o homem é considerado chefe; é ele que toma as decisões, deixando a mulher sem poder.
- O homem tem todo direito de possuir o título da terra e de ter acesso ao crédito, legalizado pela lei. Embora, encontrem-se significativas mudanças no “papel”, na prática, não mudou muito. Não está escrito que as mulheres estão impedidas de ter acesso ao crédito, mas também não está explícito que elas têm esse direito. Na maioria das vezes o agente financiador interpreta e age segundo seus próprios (pre)conceitos.
- Muitas vezes são as mulheres que garantem com o seu trabalho incansável, o sustento da família, principalmente na zona rural. Nas épocas de estiagem em que o homem migra para as cidades grandes tentando achar um emprego, a mulher fica sozinha (a chamada viúva da seca) e responsável para cuidar da família, da água, da roça, da criação de animais.



Mulheres construindo cisternas

3) Nas comunidades onde o IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - atua, pôde se perceber ao longo dos anos (embora já haja mudanças positivas) que a mulher muitas vezes é impedida de participar nos processos de formação. Assim, por falta de conhecimentos mais aprofundados, ela acabava ficando fora do processo de decisão. Como ela é a principal responsável pela educação dos filhos e das filhas ela passou também a cultura tradicional e machista para eles e elas.

Na perspectiva de interferir neste cenário, entendemos como importante, incluir esta discussão nos princípios e no conjunto da Convivência com o Semi-árido, visando romper com a discriminação social e cultural e discutir com igualdade o papel de cada pessoa no desenvolvimento humano e sustentável dessa região.

Nesse processo, busca-se garantir o direito da mulher a recursos como: acesso à terra, abastecimento de água em casa, alimentos em quantidade e qualidade, crédito, trabalho, escolarização, formação profissional, saúde, acesso ao mercado e o controle e participação na distribuição de benefícios da produção.

Assim pode-se destacar resultados baseados em experiências em diversas comunidades da região Semi-árida:

O crescimento da oferta de água nas comunidades através da captação de água de chuva, utilizada especialmente para o consumo humano (cisternas), e outras tecnologias para o uso animal e hortas (cacimbas, caxios) tem diminuído consideravelmente a carga de trabalho diário das mulheres, a partir do momento que não mais precisam buscar água à grande distância.

"As cisternas libertaram nós mulheres, do trabalho diário de ir buscar água. Ao mesmo tempo libertaram nossa comunidade da dependência dos caminhões pipa, enviados pelos políticos." Estas palavras são de Da. Dalva, uma mulher do interior do Município de Uauá (BA), que faz parte de um grupo de mulheres que constrói cisternas para outras mulheres pobres, que não seriam atendidas pelos projetos gerenciados por homens.



A cisterna liberta a mulher de procurar a água à longa distância

4) Quase todas as habitações rurais em Campo Alegre de Lourdes – BA captam água da chuva dos telhados. As 4000 cisternas depositam água equivalente a 8000 carros-pipa, o que significa uma economia de pelo menos R\$ 400.000,00 para o município a cada ano. Supomos que cada cisterna contém 10.000 litros de água o que equivale a 500 latas de 20 litros. Isso é uma economia de 1.000.000 (um milhão) de horas de trabalho de mulheres, já que o gasto médio para buscar água é de 2 horas por lata. Podendo as mulheres investir sua força de trabalho em outras atividades, já mostra resultados:

- A mulher cuida além das atividades rotineiras em casa também dos animais e trabalha no cultivo da roça de subsistência que garante a sobrevivência da família.
- Mas, além disso, mudanças na produção viabilizam uma agropecuária sustentável: produção de alimentação animal com forragens e plantas diversificadas e adaptadas ao clima semi-árido e ao solo, diminuindo o número de práticas não-apropriadas como desmatamento e queimadas no preparo do solo.
- Outras mulheres conseguem ter garantia econômica e renda própria através do plantio de verduras e do beneficiamento e comercialização da produção familiar, p. ex. a produção de doces, geléias e sucos de frutas nativas da caatinga como do umbu, maracujá do mato ou de xique-xique. Elas não vendem mais um saco de umbu de 60 kg por 5,00 reais, mas conseguem com a mesma quantidade de frutas transformadas em geléia, doce e suco uma renda própria de até 100,00 reais e têm pela primeira vez um dinheiro que podem gastar segundo os seus critérios.



Comercialização de produtos de umbu

5) Nas comunidades rurais do Semi-Árido Brasileiro, um dos principais fatores, é que as mulheres destinam grande parte de seu tempo aos afazeres domésticos e à produção em especial às atividades agrícolas. Assim, como os exemplos acima mostram, elas continuam tendo dificuldade em participar de forma autônoma e decisiva da vida comunitária.

Por outro lado, as tecnologias de captação da água de chuva e o beneficiamento de produtos da caatinga garantem a solução do problema de abastecimento da água das famílias e criam meios para a geração e descentralização de renda. Assim as mulheres ganham força (empoderamento) e saem da condição social “marginal” em que tradicionalmente foram postas.

O IRPAA compreende que o desenvolvimento humano sustentável do Semi-Árido Brasileiro está intimamente condicionado à inclusão social das classes historicamente marginalizadas, as quais devem assumir um novo papel frente aos desafios postos pela realidade. E é neste sentido que as relações de gênero precisam ser amplamente debatidas, desmistificadas e mudadas. Não existe Convivência com o Semi-Árido sem mudanças na relação de gêneros.

*Texto: Ivânia Freitas, João Gnadlinger, José Moacir dos Santos, Maria Oberhofer
Fonte das fotos: Arquivo do IRPAA: Mulheres do Município de Uauá - BA)
IRPAA, Juazeiro – BA, 18 de abril de 2005*